

A atuação do enfermeiro na orientação de primíparas sobre o aleitamento materno exclusivo

RESUMO | Objetivo: Descrever a respeito das orientações dadas pelo enfermeiro na Atenção Primária à Saúde sobre o Aleitamento Materno Exclusivo, frente aos obstáculos apresentados por mães primíparas. Método: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados, SCIELO, LILACS, BDNF, MEDLINE E CAPES sendo selecionados 10 artigos. Para a pergunta norteadora, utilizou-se a estratégia PICO e, para análise dos resultados, foi utilizado o fluxograma PRISMA. As buscas abrangeram o período de 2017 a 2022. Resultados: Com base na análise descritiva, evidenciou-se que os artigos que propuseram essa revisão apresentam considerações acerca das dificuldades apresentadas por primíparas e orientações dadas pelo enfermeiro sobre Aleitamento Materno Exclusivo. Conclusão: Os principais obstáculos encontrados por primíparas são referentes a orientações sobre o ato de amamentar, aspectos relacionados à mama, fatores sociodemográficos, culturais, familiares, processos emocionais e fisiológicos da mulher.

Descritores: Aleitamento materno, Saúde da criança e Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT | Objective: To describe about the guidelines given by nurses in Primary Health Care on Exclusive Breastfeeding, in the face of obstacles presented by primiparous mothers. Method: This is an integrative literature review carried out in the SCIELO, LILACS, BDNF, MEDLINE AND CAPES databases, with 10 articles selected. For the guiding question, the PICO strategy was used and, for analysis of the results, the PRISMA flowchart was used. The searches covered the period from 2017 to 2022. Results: Based on the descriptive analysis, it was evidenced that the articles that proposed this review present considerations about the difficulties presented by primiparous women and guidelines given by the nurse on Exclusive Breastfeeding. Conclusion: The main obstacles encountered by primiparous women refer to guidelines on the act of breastfeeding, aspects related to the breast, sociodemographic, cultural, family factors, emotional and physiological processes of women.

Keywords: Breastfeeding, Child Health and Primary Health Care.

RESUMEN | Objetivo: Describir acerca de las orientaciones dadas por enfermeras en la Atención Primaria de Salud sobre Lactancia Materna Exclusiva, frente a los obstáculos presentados por las madres primíparas. Método: Se trata de una revisión integrativa de la literatura realizada en las bases de datos SCIELO, LILACS, BDNF, MEDLINE Y CAPES, con 10 artículos seleccionados. Para la pregunta orientadora se utilizó la estrategia PICO y para el análisis de los resultados se utilizó el diagrama de flujo PRISMA. Las búsquedas abarcaron el período de 2017 a 2022. Resultados: Con base en el análisis descriptivo, se evidenció que los artículos que propusieron esta revisión presentan consideraciones sobre las dificultades que presentan las primíparas y orientaciones dadas por el enfermero sobre Lactancia Materna Exclusiva. Conclusión: Los principales obstáculos encontrados por las primíparas se refieren a orientaciones sobre el acto de amamentar, aspectos relacionados con la mama, factores sociodemográficos, culturales, familiares, procesos emocionales y fisiológicos de la mujer.

Palabras claves: Lactancia Materna, Salud del Niño y Atención Primaria de Salud.

Marcela Aparecida Fernandes Fonseca

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Paulista (UNIP), Campus Brasília-DF, Brasil.
ORCID: 0000-0002-1061-6218

Virgínia Pires Antunes

Acadêmica de Enfermagem. Universidade Paulista (UNIP), Campus Brasília-DF, Brasil.
ORCID: 0000-0002-2518-1624

Lúcia de Medeiros Taveira

Mestre em Gerontologia (2015) pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (1981) e Especialização em Saúde

Coletiva (1997) pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é Professora no Curso de Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP - Campus Brasília/DF), orientadora de TCC e tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase na Saúde da Criança e da Mulher, Gestão em Saúde e Promoção da Saúde.
ORCID: 0000-0001-9907-2183

INTRODUÇÃO

O leite materno é uma das melhores formas para satisfazer as necessidades de uma criança na fase inicial de sua vida, sendo a amamentação um meio eficiente para atender carências nutricionais, imunológicas, psicológicas e afetivas, de forma a proporcionar melhor crescimento e desenvolvimento para o bebê, pois é um alimento completo.¹

O aleitamento materno é considerado a primeira vacina do lactente, carregado de diversos benefícios e reconhecido como uma prática importante. É recomendado até os seis meses de idade a amamentação exclu-

Recebido em: 16/02/2022
Aprovado em: 01/06/2022

siva e posteriormente a introdução de outros alimentos nutritivos, com a indicação de que o bebê mame até atingir dois anos.²

O papel do profissional enfermeiro é importante e necessário na Unidade Básica de Saúde (UBS). O pré-natal realizado corretamente leva à promoção da amamentação, principalmente em primíparas, mães de primeira viagem. Além de conhecimentos técnicos e científicos, o enfermeiro precisa se atentar às necessidades da mãe, de modo a entendê-la como um ser biopsicoespíritual, e conseqüentemente dar orientações sobre o aleitamento materno, afastando medos e inseguranças.³

Estudos indicam que a prevalência de Aleitamento Materno Exclusivo (AME) em menores de seis meses no Brasil indicou tendência ascendente, sendo 34,2% no período de 1986 a 2006, 36,6% em 2013 e 56,6% em 2017, apontando melhora nas taxas de prevalência. Contudo, vale ressaltar que a prática do AME no Brasil ainda está distante das recomendações ideais pela Organização Mundial da Saúde (OMS).⁴

Outros dados relevantes refletem que o avanço nas práticas da amamentação exclusiva até os seis meses e da amamentação continuada poderia prevenir, anualmente, o óbito de 823.000 crianças menores de cinco anos e de 20.000 mulheres por câncer de mama, além de reduzir custos de tratamento para doenças na infância. É comprovado que lactentes amamentados por mais tempo tendem a ter menor risco de morbidade e mortalidade por doenças infecciosas, demonstrando aumento da inteligência e proteção contra excesso de peso e diabetes futuramente, além de benefícios para as nutrizes, como prevenção do câncer de mama e ovário e redução do risco de desenvolver diabetes.⁴

O fato de muitas mulheres, sobretudo as primíparas, enfrentarem dificuldades na prática do aleitamento justificou o presente trabalho, pois podem estar fadadas a desistir da amamentação por uma série de fatores, que serão apresentados para conhecimento e discussão.

Portanto, esse estudo tem como objetivo descrever, consoante à literatura bibliográ-

fica, a respeito das orientações dadas pelo profissional enfermeiro na Atenção Primária à Saúde (APS) sobre o AME até os 6 meses, frente aos obstáculos apresentados por mães primíparas.



O aleitamento materno é considerado a primeira vacina do lactente, carregado de diversos benefícios e reconhecido como uma prática importante.



MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, uma vez que contribui no processamento sistemático e analítico dos resultados,

pois é característica da busca de informações sobre um assunto ou tema que resume a situação da ciência sobre um problema de pesquisa, visando à clareza do determinado tema.⁵

Elaborou-se, na primeira fase, a pergunta norteadora da pesquisa. Para a construção da questão norteadora deste trabalho, utilizou-se da estratégia PICo / PCC, conforme descrito abaixo: P - População; I/Co - Interesse/conceito e C - Contexto. Assim, considerou-se P: mães primíparas; I: aleitamento materno; C: qualquer comparação relacionada aos fatores relacionados ao papel do enfermeiro na APS. Nesta perspectiva, a pergunta construída foi: Qual o papel do enfermeiro na APS em relação às orientações que devem ser passadas sobre aleitamento materno às mães primíparas?

Produziu-se para a segunda fase, uma estratégia de busca utilizando os descritores: Aleitamento materno, Saúde da criança e Atenção Primária à Saúde. nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BDEF (Base de Dados de Enfermagem), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e Portal de periódicos da CAPES em março de 2022.

Retocou-se, contemplando a terceira fase da pesquisa com a aplicação dos critérios de inclusão previamente estabelecidos na estratégia de busca: artigos publicados de forma online nos últimos 05 anos (2017 a 2021); disponíveis em língua portuguesa e na íntegra; estudos no formato de artigos originais oriundos de produções científicas diversificadas.

Na quarta fase, foram lidos criteriosamente os resumos dos estudos recuperados, excluindo os duplicados e aqueles cujo objetivo, resultados ou conclusão não versavam o papel do enfermeiro na APS em relação às orientações que devem ser passadas sobre aleitamento materno às mães primíparas.

O fluxograma apresentado a seguir (Figura 1), esboça o percurso do levantamento bibliográfico utilizado pelos pesquisadores para elaboração desta pesquisa descrevendo

os resultados obtidos a partir da estratégia de busca de acordo com o fluxograma PRISMA.

Apresenta-se, na figura 1, o fluxograma descritor dos resultados obtidos a partir da estratégia de busca de acordo com o fluxograma PRISMA.

RESULTADOS

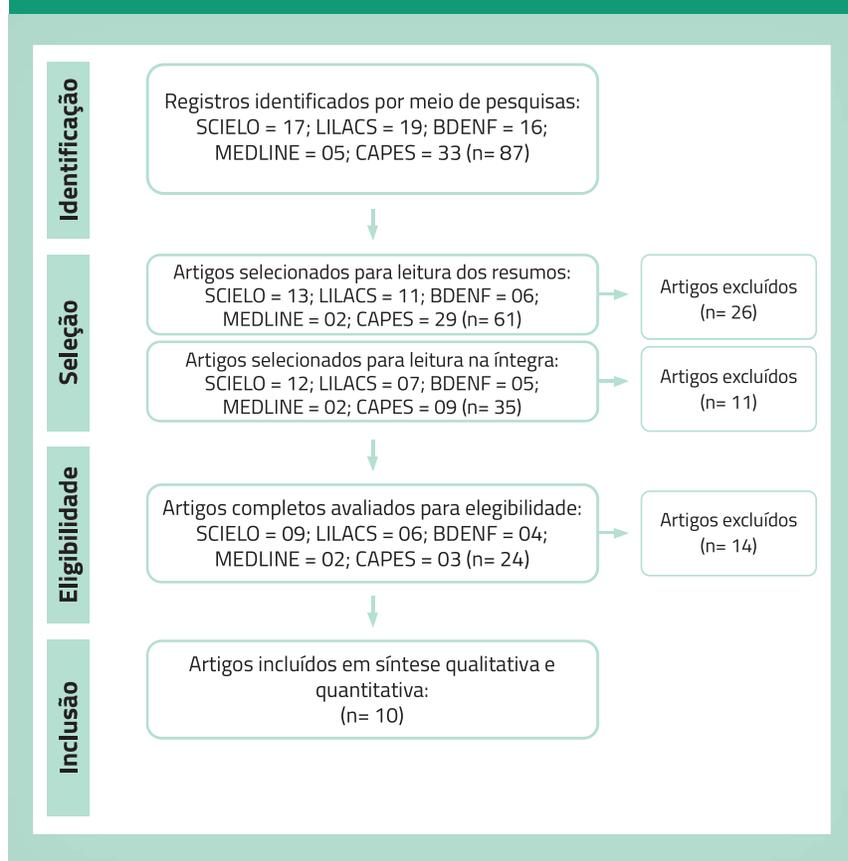
Descrição geral dos artigos selecionados

Apresenta-se no Quadro 1 as informações a respeito dos principais artigos contidos nesta revisão. Foram interpretados e sintetizados os resultados, através de uma comparação dos dados evidenciados na análise dos artigos.

No que tange ao ano de publicação dos dez artigos analisados, foi constatado que a maior quantidade foi publicada no ano de 2021 com 4 artigos (40%), seguido de 2018 com 2 artigos (20%), 2017 com 2 artigos (20%), 2020 com 1 artigo (10%) e por fim, 2019 com 1 artigo (10%). O periódico de maior publicação foi a Revista Brasileira de Enfermagem com o total de 2 artigos (20%) e as demais 8 Revistas, com 1 artigo cada (total de 80%).

DISCUSSÃO

FIGURA 1 - o fluxograma descritor dos resultados obtidos a partir da estratégia de busca de acordo com o fluxograma PRISMA.



Fonte: Registro Hospitalar do Câncer, 2018.

Quadro 1. Distribuição dos artigos de acordo com o título, autor(es) e ano de publicação, objetivo e metodologia. Brasília (DF), Brasil, 2022.

Periódico, país e ano de publicação	Autor(es)	Título	Delineamento	Resultados
Artigo 2 Revista Ciência & Saúde Coletiva, Brasil, 2019	Santos EM, Silva LS, Rodrigues BFS, Amorim TMAX, Borba JMC, Tavares FCLP	Avaliação do aleitamento materno em crianças até dois anos assistidas na atenção básica do Recife, Pernambuco, Brasil	Estudo descritivo transversal, realizado nas Unidades Básicas de Saúde da Mustardinha, Jardim Uchôa, Fernandes Figueira e Upinha Novo Prado. Os dados foram digitados em dupla entrada no software Epi Info versão 3.5.1 para Windows e analisados no software SPSS versão 12.	Foram avaliadas 141 crianças, das quais 54,6% eram do sexo feminino, 22% tinham idade ≤ 6 meses, 21,3% entre 7 a 12 meses e 56,7% entre 13 e 24 meses. Ao analisar a prevalência de aleitamento materno exclusivo e total, verificou-se a mediana de 60,84 e 182,52 dias, respectivamente.
Artigo 3 Revista Latino Americana de Enfermagem, Brasil, 2017	Toriyama ATM, Fujimori E, Palombo CNT, Duarte LS, Borges ALV, Chofakian CBN	Aleitamento materno: o que mudou após uma década?	Análise de dois estudos transversais, conduzidos com intervalo de uma década, com 261 e 302 crianças menores de dois anos, respectivamente. Utilizou-se análise de sobrevivência de Kaplan-Meier, para o cálculo da duração mediana do aleitamento materno, e regressão de Cox para a análise dos determinantes, com nível de significância de 5%.	Constatou-se incremento de 33,4% na prevalência de aleitamento materno exclusivo e de 20,9% no aleitamento materno. Com relação a esse último, sua duração mediana aumentou de 7,2 para 12 meses. No segundo estudo, sua duração mediana foi menor em crianças de primeira ordem de nascimento, e que usavam chupeta, e não foi associada às ações de incentivo ao aleitamento materno.

Artigo 4	Revista Paulista de Pediatria. Brasil, 2021	Pereira TAM, Freire AKG, Gonçalves VSS	Aleitamento materno exclusivo e baixo peso em crianças de zero a seis meses acompanhadas na Atenção Básica no Brasil, 2017	Estudo observacional, descritivo e ecológico a partir da análise de dados do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional. Para avaliação do AME, equipes da Atenção Básica utilizaram marcadores de consumo alimentar do dia anterior. Quanto ao baixo peso, usou-se: estatura/idade (E/I), peso/idade (P/I) e índice de massa corpórea (IMC)/idade (IMC/I). Foram calculados os intervalos de confiança de 95% (IC95%) para prevalências obtidas, sendo plotadas em mapas, por Unidade da Federação (UF).	Obteve-se dados de 88,7 e 32,2% dos municípios brasileiros em relação à antropometria e ao consumo alimentar, correspondendo a 167.393 e 66.136 crianças, respectivamente. As prevalências encontradas foram: AME – 56,6% (IC95% 56,2– 56,9); baixa E/I – 10,6% (IC95% 10,5–10,8); baixo P/I – 9,0% (IC95% 8,9–9,1); e baixo IMC/I – 5,8% (IC95% 5,7–6,0).
Artigo 5	Revista de Enfermagem UFPE online. Brasil, 2018	Silva AM, Santos MCS, Silva SRM, Ferreira FA, Freitas RSC, Santos REA, Gouveia MT	Aleitamento materno exclusivo: empecilhos apresentados por primíparas	Estudo quantitativo, de campo, exploratório e descritivo, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado com 30 participantes. Utilizou-se o pacote de recursos e técnicas estatísticas do programa Microsoft Excel 2010 para a análise dos dados, a frequência e proporção, apresentando-os por meio de figuras.	Apresentaram-se como principais empecilhos: os ambientes, as crenças, o leite materno dito fraco, o trabalho ou a ocupação da mulher, a falta de tempo, as mamas endurecidas, a pega incorreta e o bebê agitado.
Artigo 6	Revista Cuidarte. Colômbia, 2020	Barbosa KIP, Conceição SIO	Fatores sociodemográficos maternos associados ao aleitamento materno exclusivo	Estudo transversal conduzido com 143 binômios mãe/filho menor de 24 meses de idade assistidos em quatro Unidades Básicas de Saúde de São Luís (MA). Aplicou-se um primeiro formulário para coletar dados socioeconômicos e demográficos dos binômios mãe-filho menores de 24 meses. O segundo formulário foi respondido por 75 mães em interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo.	Observou-se que 33,3% das crianças mantiveram a amamentação exclusiva até o sexto mês e o seu tempo foi maior (93,3%) entre as que eram beneficiárias de algum programa social.
Artigo 7	Revista Brasileira de Enfermagem. Brasil, 2018	Ramos AE, Ramos CV, Santos MM, Almeida CAPL, Martins MCC	Conhecimento sobre aleitamento materno e alimentação complementar dos profissionais de saúde	Estudo transversal, com 168 profissionais, realizado entre junho e setembro de 2016. Utilizou-se o teste de Kruskal Wallis para comparação entre as médias do percentual do conhecimento sobre AM e AC, por categoria profissional, e o teste de contingência, para associação entre as variáveis.	39,29% dos profissionais demonstraram bom conhecimento sobre AM e 2,38%, sobre AC; 74,4% dos entrevistados revelaram que não conheciam o programa Estratégia Amamenta e Alimenta. Houve associação positiva entre nível de conhecimento dos profissionais em AM e escolaridade, profissão e assistência em AM.
Artigo 8	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil. Brasil, 2021	Vasconcelos IN, Brito IMVP, Arruda SPM, Azevedo DV	Amamentação e orientações sobre alimentação infantil: padrões alimentares e potenciais efeitos na saúde e nutrição de menores de dois anos	Estudo transversal desenvolvido em unidades básicas de saúde. Amostra selecionada por conveniência com 321 menores de dois anos e suas mães. O consumo alimentar foi obtido através de recordatório alimentar de 24 horas. O método de análise fatorial por componentes principais foi utilizado para determinação dos padrões alimentares. Associações entre variáveis maternas e padrões alimentares foram testadas.	Receber orientações sobre alimentação infantil relacionou-se a maior aderência aos padrões “misto” ($p=0,02$; $RP=2,98$; $IC95\%=1,49-5,96$) e “mingaus” ($p=0,026$; $RP=2,10$; $IC95\%=1,09-4,02$). Experiência com aleitamento materno mostrou maior adesão aos padrões “mingaus” ($p=0,038$; $RP=1,78$; $IC95\%=1,03-3,08$) e “lanches” ($p=0,026$; $RP=1,09$; $IC95\%=1,01-1,18$).
Artigo 11	Revista de APS UFJF. Brasil, 2017	Martins RMC, Montrone AVG	O aprendizado entre mulheres da família sobre amamentação e os cuidados com o bebê: contribuições para atuação de profissionais de saúde	Pesquisa qualitativa com participação de oito mulheres de um bairro de classe econômica baixa. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados baseou-se nos pressupostos da análise hermenêutica-dialética.	As avós são pessoas de referência na família, possuem diversos saberes sobre a prática da amamentação e os cuidados com o bebê, transmitindo-os para suas filhas e noras. Ao desenvolver ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, profissionais de saúde precisam reconhecer e valorizar os saberes que as mulheres trazem da convivência em família, estabelecendo uma relação dialógica que permita a reflexão e ampliação desses saberes.

Artigo 12	Revista Brasileira de Enfermagem, Brasil, 2021	Febrone RR, Oliveira MIC, Rito RVVF, Moraes JR	Sustentabilidade da Iniciativa "Unidade Básica Amiga da Amamentação": um estudo transversal	Estudo transversal conduzido em 2016. Avaliação do cumprimento, realizada por entrevistas com profissionais de saúde, gestantes e mães. Associação entre cumprimento e satisfação, analisada pelo teste de correlação de Spearman; e associação entre características contextuais/individuais e aleitamento materno exclusivo, por regressão de Poisson multinível.	O cumprimento foi de 5,4-10 pontos e satisfação de 36,8%-100%. Prevalência de aleitamento materno exclusivo foi 56,7%. Houve correlação entre cumprimento e satisfação. Maior escolaridade, orientação prénatal, alta hospitalar em amamentação exclusiva, assistência em unidades mistas e sexo feminino da criança se associaram a maiores prevalências de aleitamento materno exclusivo; já idade crescente e uso de chupeta, a menores prevalências.
Artigo 13	Revista Cogitare Enfermagem, Brasil, 2021	Hirano AR, Baggio MA, Ferrari RAP	Amamentação, alimentação complementar e segurança alimentar e nutricional em uma região de fronteira	Pesquisa qualitativa com 12 mães e 12 profissionais de saúde de Foz do Iguaçu, no contexto da Atenção Primária à Saúde. Os dados foram coletados entre abril e outubro de 2019, por meio de entrevista semiestruturada e submetidos à Análise Temática de Conteúdo.	Foram identificadas três categorias: Aleitamento materno e alimentação complementar: direito da criança ao alimento seguro e adequado; Aleitamento materno e alimentação complementar: da orientação ao consumo; Amamentação, alimentação complementar e o contexto da Tríplce Fronteira.

Fonte: ANTUNES; FONSECA; TAVEIRA (2022).

Com base na análise descritiva, evidenciou-se que os artigos que propuseram essa revisão apresentam considerações acerca das orientações dadas pelo profissional enfermeiro na APS sobre AME até os 6 meses. Nesse contexto, optou-se pela definição de três eixos temáticos que são descritos a seguir: Problemas relatados pelas mães primigestas em relação a amamentação; Fatores sociodemográficos maternos associados ao AME e Intervenções do enfermeiro para a promoção do AME.

1. Problemas relatados pelas mães primigestas em relação à amamentação

De acordo com estudo realizado em 2018 referente às principais dificuldades apresentadas por puérperas primíparas, foi evidenciado que a presença de fissura mamilar, má pega e pouca produção de leite foram as maiores dificuldades apontadas, sendo que a lesão mamilar possui incidência de aproximadamente 80% nessas mães. A insuficiência nas orientações relacionadas à amamentação foi apresentada em estudo que identificou que 42,3% das participantes da pesquisa não foram instruídas quanto ao aleitamento materno durante seu pré-natal; 43,4% das gestantes não receberam recomendações em relação aos cuidados com a mama e 56,4% não foram orientadas na

maternidade sobre a importância de amamentar.^{4,6}

Além disso, estudos apontam que há, predominantemente, desmame precoce em crianças do sexo masculino, pela crença passada entre gerações de que apenas o leite materno não é suficiente, sendo necessário antecipar a introdução de alimentos complementares.⁷

Destaca-se que a maioria das dificuldades encontradas são preveníveis. Não basta ao enfermeiro possuir conhecimentos básicos e habilidades em aleitamento materno. Ele precisa ter também competência para se comunicar com eficácia, capaz de ouvir queixas e em seguida aconselhar a nutriz da melhor maneira.⁸

2. Fatores sociodemográficos maternos associados ao AME

A interrupção precoce do aleitamento materno causa diversos prejuízos à saúde do lactente, relacionada ao aumento do risco de complicações gastrointestinais, respiratórias e alérgicas. Também pode estar associado a fatores como maternidade precoce, primíparas, baixo nível educacional e socioeconômico da mãe, qualidade inferior da assistência nos serviços de saúde, carência de apoio social e/ou familiar, entre outros.^{7,9}

Nesse sentido, iniciativas têm sido adotadas no âmbito das políticas públicas de

saúde que visam à promoção, proteção e apoio à prática do aleitamento materno, a fim de apresentar medidas educativas e incentivar a amamentação.^{7,10}

Vale ressaltar que a Estratégia Global para Alimentação de Lactentes e Crianças na Primeira Infância, juntamente ao governo brasileiro, articula ações como a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, a Iniciativa Hospital Amigo da Criança e a Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL). Quando implementadas, essas ações contribuem significativamente para a melhoria dos indicadores de saúde, incluindo as taxas de aleitamento.^{7,10,11}

3. Intervenções do enfermeiro para a promoção do AME

O profissional enfermeiro pode utilizar diversos recursos aproveitados no aconselhamento para entender a singularidade de cada mulher e praticar a comunicação verbal e não-verbal, usar linguagem acessível e simples, de forma a oferecer espaço para a mãe falar, demonstrar empatia e interesse, atestando à nutriz que seus sentimentos são importantes e compreendidos.^{2,8,11}

A primípara, por experimentar algo novo, na maioria dos casos possui dúvidas relacionadas ao processo de cuidar da criança. Nesse cenário, ela leva muito em conta a vivência de gerações passadas, que dão con-

selhos e a instruem da forma como aprendem. É importante considerar e saber o que foi passado pela família, mas como profissional de enfermagem, a primazia é por evidências científicas sobre o tema.¹²

É significativo aconselhar a nutriz na prática, demonstrando a posição, pega e sucção adequadas para que o bebê consiga retirar o leite de maneira eficiente e evitar complicações relacionadas à amamentação, uma vez que a pega incorreta pode gerar uma dificuldade de esvaziamento da mama que consequentemente leva à diminuição da produção do leite.¹³

Outro ponto primordial é quanto finda a licença-maternidade e a mulher precisa voltar a trabalhar. O profissional enfermeiro, com o intuito de encorajar o AME, deve in-

centivar a mãe quanto à ordenha e armazenamento do leite para seu filho. Essa é uma situação delicada (muitas vezes dolorosa) e de total escolha da nutriz, mas é importante que o enfermeiro ao menos apresente as vantagens desse nobre ato.¹⁴

No contexto da COVID-19, permanece a orientação de medidas de higiene adequadas e sempre manter a amamentação, utilizando as precauções recomendadas.¹⁵

CONCLUSÃO

Portanto, os principais obstáculos encontrados por primíparas são referentes a orientações sobre o ato de amamentar, aspectos relacionados à mama, fatores sociodemográficos, culturais e familiares, bem

como processos emocionais e fisiológicos da mulher.

O enfermeiro deve, então, servir de aliado para a mãe, já durante o pré-natal. É o momento de maior oportunidade para sanar dúvidas e orientar a respeito do aleitamento materno. É importante destacar que algumas nutrizes idealizam a amamentação e se frustram ao se deparar com a realidade, sendo necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre o profissional e as mulheres em seu ciclo gravídico puerperal.

Destaca-se ainda, que há poucos estudos sobre essa temática com primíparas. Sendo assim, vê-se a chance de um olhar diferenciado para esse público, que pode ainda não conhecer a magnitude do AME e seus reais benefícios ao binômio mãe-filho. 🌱

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
2. Santos EM, Silva LS, Rodrigues BFS, Amorim TMAX, Silva CS, Borba JMC, Tavares FCLP. Avaliação do aleitamento materno em crianças até dois anos assistidas na atenção básica do Recife, Pernambuco, Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*. 2019;24(3):1211-1222. DOI:10.1590/1413-81232018243.126120171.
3. Toryama ATM, Fujimori E, Palombo CNT, Duarte LS, Borges ALV, Chofakian CBN. Breastfeeding in a small city in São Paulo state, Brazil: what changed after a decade?. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2017;25:e2941. DOI:10.1590/1518-8345.1858.2941.
4. Pereira TAM, Freire AKG, Gonçalves VSS. Aleitamento materno exclusivo e baixo peso em crianças de zero a seis meses acompanhadas na atenção básica no Brasil. *Rev Paul Pediatr*. 2021;39:e2019293. DOI:10.1590/1984-0462/2021/39/2019293.
5. Donato H, Donato M. Etapas na condução de uma revisão sistemática. *Acta Med Port [internet]*. 2019 [acesso em 2021 Nov 22];32(3):227-235. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/11923/5635> doi: <https://doi.org/10.20344/amp.11923>
6. Silva AM, Santos MCS, Silva SEM, Ferreira FA, Freitas RSC, Santos REA, Gouveia MT. Aleitamento materno exclusivo: empecilhos apresentados por primíparas. *Rev enferm UFPE online*. 2018; 12(12):3205-11. DOI:10.5205/1981-8963-v12i12a236599p3205-3211-2018.
7. Barbosa KIP, Conceição SIO. Fatores sociodemográficos maternos associados ao aleitamento materno exclusivo. *Rev Cuid*. 2020; 11(1): e811. DOI:10.15649/cuidarte.811.
8. Ramos AE, Ramos CV, Santos MM, Almeida CAPL, Martins MCC. Conhecimento sobre aleitamento materno e alimentação complementar dos profissionais de saúde. *Rev Bras Enferm [Internet]*. 2018;71(6):3129-36. DOI:10.1590/0034-7167-2017-0494.
9. Vasconcelos SN, Brito IMVP, Arruda SPM, Azevedo DV. Amamentação e orientações sobre alimentação infantil: padrões alimentares e potenciais efeitos na saúde e nutrição de menores de dois anos. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant*. 2021;21(2):429-439. DOI:10.1590/1806-93042021000200005.
10. Brasil. Lei nº 11.265, de 3 de janeiro de 2006. Regulamenta a comercialização de alimentos para lactentes e crianças de primeira infância e também a de produtos de puericultura correlatos. *Diário Oficial da União*. 4 jan 2006, p.1.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Iniciativa hospital amigo da criança: revista, atualizada e ampliada para o cuidado integrado. Módulo I - Histórico e implementação [Internet]. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2008. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/iniciativa_hospital_amigo_crianca_modulo1.pdf
12. Martins RMC, Montrone AVG. O aprendizado entre mulheres da família sobre amamentação e os cuidados com o bebê: Contribuições para atuação de profissionais de saúde. *Rev. APS*. 2017;20(1): 21-29. DOI:10.34019/1809-8363.2017.v20.15942.
13. Febrone RR, Oliveira MIC, Rito RVVF, Moraes JR. Sustentabilidade da Iniciativa "Unidade Básica Amiga da Amamentação": um estudo transversal. *Rev Bras Enferm*. 2021; 74(3):e20200869. DOI:10.1590/0034-7167-2020-0869.
14. Hirano AR, Baggio MA, Ferrari RAP. Amamentação, alimentação complementar e segurança alimentar e nutricional em uma região de fronteira. *Cogitare enferm*. 2021, v26:e72739. DOI:10.5380/ce.v26i0.72739.
15. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Nota Técnica nº 15/2020-COCAM/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS. Brasília: Ministério da Saúde; 2020.